

o café junto ao mar

série mure – livro 1

jenny colgan

Tradução de Neuza Faustino

Para os enfermeiros.
Porque são excepcionais.





Olá! Se este é o primeiro livro meu que vai ler, seja bem-vindo/a! Espero muito que goste. E, se já leu outros livros meus, deixo-lhe um enorme abraço de agradecimento: é bom voltarmos a ver-nos e, uau, está mesmo com bom aspeto. Mudou de penteado? Fica-lhe *tão* bem!

Dou-lhe as boas-vindas ao romance *O Café Junto ao Mar!* É realmente estranho que, com frequência, possamos ir de férias para tantos lugares distintos, mas ser raro conhecermos o nosso próprio país. (Ao escrever isto, imagino o meu amigo Wesley a fungar e a revirar os olhos, porque já nos conhecemos faz mais de vinte anos e ainda não o fui visitar uma única vez a Belfast.) *De qualquer modo*, concluindo rapidamente o assunto: quando voltei para a Escócia, no ano passado, após ter vivido durante décadas em países estrangeiros, decidi alterar esta situação e conhecer melhor o meu país.

Nunca tinha estado muito tempo nas Highlands ou nas ilhas, até porque sou uma *lallander* de nascença (o que significa que sou do Sul da Escócia), pelo que aproveitei todas as oportunidades para visitar e explorar tais lugares, e devo dizer que me apaixonei logo, logo, pelas ilhas.

As extensas praias brancas, os estranhos monumentos antigos, os sítios planos e sem arvoredo (é frequente as árvores não conseguirem crescer em planícies muito ventosas) e as noites intermináveis de verão, quando nunca realmente escurece. Lewis, Harris, Bute, Orkney e particularmente Shetland, que, pelo que sei, é um dos lugares mais enigmáticos do Reino Unido, todos eles têm o seu encanto próprio.

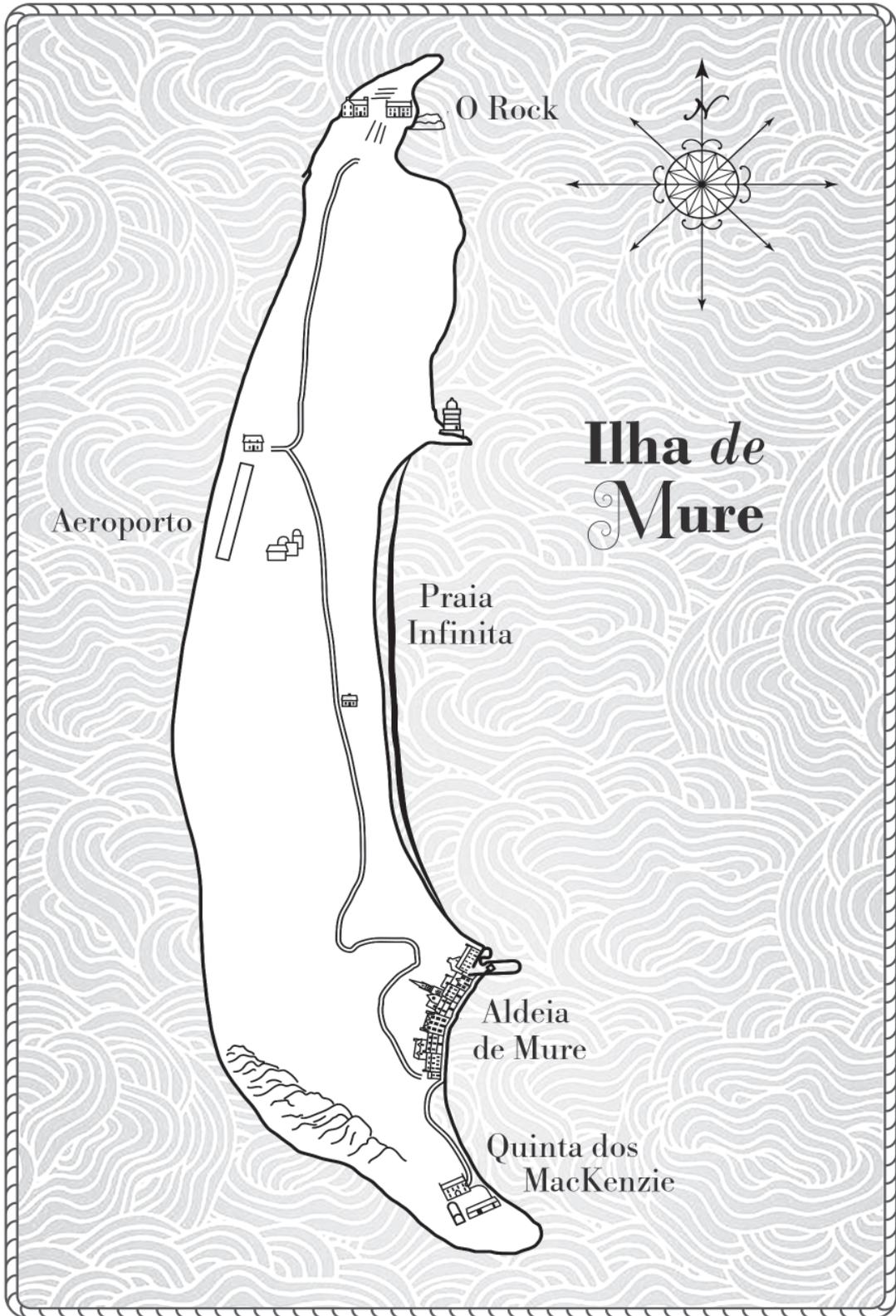
Queria como cenário de um livro meu o extremo norte; neste romance, porém, inventei uma ilha que constitui uma espécie de amálgama, uma vez que nada existe mais terrível do que escrever acerca de um lugar real e não conseguir agradar a todos os que nele vivem, e as pessoas ficam deveras zangadas conosco. Acreditem que não é uma experiência muito agradável. 😊

Assim sendo, Mure é um cenário ficcional, mas que espero contenha em si a essência e a sensação provocadas por aquelas ilhas extraordinárias do Norte mais longínquo, que são deveras especiais e maravilhosas para mim — apesar de, evidentemente, para as pessoas de pronúncia cantada de lá elas serem tão simplesmente «o lar».

Neste livro irão encontrar igualmente receitas tradicionais para tartes e pão que eu adoro fazer e que vocês certamente também gostarão de experimentar. Podem depois escrever-me como correu, em @jennycogan, no Twitter, ou quando me visitarem no Facebook! (Teoricamente, encontro-me no Instagram, mas não sei muito bem como funciona.)

Espero que gostem deste romance. Trata-se de um livro muito pessoal, após ter estado tanto tempo fora do meu país e ter no ano passado decidido voltar para a terra onde nasci, para Flora, descobrindo que ela estivera sempre à minha espera.

Com carinho,
Jenny
xxx



hiraeth (n.)

saudade de um lugar, para o qual
já não podemos regressar, um
lar que talvez jamais o tenha sido;
a nostalgia, a ânsia, o desgosto
pelos lugares perdidos no passado



CAPÍTULO

UM



Se alguma vez voaram para Londres... Originalmente escrevi: «Alguma vez voaram para Londres?», mas depois pensei: bem, a pergunta poderá parecer presunçosa, como quem dissesse, ei, aqui estou eu, que estou sempre a viajar, quando a realidade é sempre ter usado a opção dos voos mais económicos, o que significava levantar-me às 4h30 da madrugada, portanto, sem dormir, não fosse o despertador passar-me despercebido e a viagem acabar por custar-me mais, só para chegar ao aeroporto a uma hora já quase inapropriada para apanhar o avião, e tomar apressadamente um café mais dispendioso do que teria custado se tivesse reservado um voo a um preço normal e a uma hora decente... enfim.

Portanto.

Se alguma vez voaram para Londres, sabem que é frequente sermos mantidos num padrão praticamente de espera, enquanto o avião vai circulando sobre a cidade, até haver uma vaga para a aterragem. Algo que, por norma, não me incomoda, pois gosto de ver a vasta área expandida da cidade sob nós, o movimento daquele número incalculável de pessoas atarefadas, a ideia de que cada uma delas leva consigo esperança e um sonho, como também desapontamentos, rua após rua, milhares e milhares de seres a carregarem o seu sonho... afigura-se-me sempre uma reflexão desafiadora e perturbante.

E se, tal como eu, estiveram assim a sobrevoar Londres, num dia particular de início de primavera como este, então viram sob vós a extensão massiva e interminável da cidade e dos seus arredores: a quantidade surpreendente de espaços verdes, aglomerados a ocidente, onde parece poderem atravessar a cidade inteira através dos seus parques, até ao aglomerado

cinzento e de fumo a leste, as ruas e os espaços a tornarem-se cada vez mais congestionados, a roda junto ao rio a cintilar ao sol matutino, os barcos a movimentarem-se corrente acima, corrente abaixo, por vezes suja, por vezes água límpida e tremeluzente, e as torres envidraçadas que parece terem-se erigido do nada, sem que alguém lho solicitasse, a Londres a alterar-se diante dos vossos olhos, ao sobrevoarem ainda o Domo do Milénio, o avião a descer um pouco mais, e então avistam o ponto brilhante de Canary Wharf, em tempos o maior arranha-céus do país, com a sua estação ferroviária e o comboio que para no interior do edifício, um cenário que se terá afigurado bastante espetacular em 1988.

Contudo, imaginemos que poderiam continuar ainda o vosso voo rasteiro, que poderiam aproximar-se através de uma espécie de *zoom*, como se fossem um Google Maps de carne e osso, abstendo-se de olharem tão-somente para a vossa própria casa (ou talvez tal pessoa seja apenas eu).

Se continuassem a descer, portanto, em breve a visão já não seria tão serena, e menos serena ainda se a vigiassem como um deus qualquer do alto, porque notariam que está tudo muito preenchido e quantas pessoas passam, alheias, rentes umas às outras, agora mesmo, cerca das sete da manhã — quando as equipas de limpeza se arrastam de aspeto cansado para casa, terminado o turno da madrugada, na direção oposta da ansiedade dos homens e mulheres bem vestidos e calçados, de empregados de escritório apressados e pessoal do comércio a retalho e técnicos de telecomunicações, ainda condutores da *Uber* e limpadores de janelas, os vendedores de grandes oportunidades e tantos, tantos homens a envergarem coletes refletivos e que têm por hábito fazerem as coisas mais enigmáticas com os cones de sinalização rodoviária; e agora estamos a voar quase ao nível do solo, acelerando ao fazer as curvas, a seguir o trilho da linha do metro de Docklands, os passageiros a prepararem-se para o embate da manhã — tão cedo —, ao qual não temos como escapar, e então alargamos os braços fletidos para as cotoveladas que, se não as dermos, também nós ficaremos sem espaço, nem mesmo em pé: a ideia de um lugar sentado já a deixámos para trás em Gallions Reach, a quilómetros de distância, portanto, mas é possível, pode ser que sim, conseguir, quem sabe, um pequeno espaço a um canto que seja menos apinhado, sem que nos vejamos apertados contra a axila de alguém, sem que a carruagem esteja repleta do bafo a café da manhã ou ao odor da ressaca ou de mau hálito, e não se instale em nós a sensação de que as pessoas foram arrancadas das suas camas definitivamente demasiado cedo, de que até o Sol matutino a inclinar-se sobre o horizonte, nesta manhã de

início de primavera, não esteja muito convencido sobre o dia que fará, mas, paciência, porque a grande máquina londrina está engrenada e à espera, faminta, como sempre, de nos engolir, de extorquir o que puder de cada um de nós, para depois nos enviar de volta para fazermos exatamente o caminho inverso.

E ali está a Flora MacKenzie, de cotovelos para fora, à espera de subir para a pequena carruagem do comboio sem condutor que a levará para o absurdo caos emaranhado da estação Bank. Certamente que conseguem vê-la: está agora mesmo a entrar na carruagem, o cabelo nem louro, nem escuro, de uma cor estranha. Também não é bem ruivo, o cabelo da Flora, talvez um avermelhado de morango, porém mais pálido. E ela afigura-se sempre um pouco alta em demasia, e a pele dela é branca como o leite, os olhos de uma cor aquosa, também difícil de destrinçar. E vai com a carteira e a pasta apertadas contra o corpo, envergando um impermeável, que nunca sabe se será quente em excesso ou demasiado frio para o tempo que fará.

Neste momento, ainda bastante cedo pela matina, a Flora MacKenzie não está a pensar se está feliz ou triste, embora isso muito em breve venha a ser de uma importância incontornável.

Pudesse um de vós parar e perguntar-lhe como se está a sentir, provavelmente responder-vos-ia: «Cansada.» Porque é assim que as pessoas em Londres se sentem. Estão por norma exaustas ou alquebradas, ou completamente ansiosas, porque... bem, sabe-se lá, parece ser uma espécie de regra, juntamente com o caminhar depressa, formar filas às portas de restaurantes de comida rápida e jamais visitar o museu Madame Tussaud.

Ela estará a pensar se conseguirá posicionar-se de forma a poder ler o livro que trouxe consigo; se o cós da saia ficou demasiadamente apertado, a refletir com pesar que se esse pensamento lhe ocorreu, então quase de certeza que estava; se o tempo arrefecerá ou aquecerá e, caso uma coisa ou a outra, ela estará de pernas desnudadas (o que pode ser problemático por variadíssimas razões, uma vez que a pele da Flora é da palidez do leite e resiste a qualquer tentativa de mudar a sua sensibilidade pigmentária. Ela já tentou colocar-lhe uma base que fingisse um bronzeado, mas mais pareceu ter mergulhado num molho de *Bisto*. E, assim que começou a caminhar, as dobras atrás dos seus joelhos começaram a ficar húmidas de transpiração — possibilidade que jamais lhe ocorrera —, pelo que o falso bronzeado escorreu e pingou pelas barrigas das pernas, deixando-as com listas brancas, como o colega do escritório, o Kai, teve a gentileza de lhe explicar. O Kai tem um tom de

pele naturalmente bronzeado, uma cor que a Flora inveja. De resto, é mesmo a estação do outono que prefere em Londres).

Ela está a pensar no encontro que arranjou através do Tinder, e que teve no outro dia com um tipo que, *online*, lhe parecera tão simpático, mas que presencialmente se pusera logo a gozar com a pronúncia dela, como toda a gente faz, sempre, em todo o lado; depois, quando ele vira que não ficara impressionada, sugeriu que não jantassem e que, ao invés, fossem para casa dele, o que agora a faz soltar um suspiro.

Ela tem vinte e seis anos e celebrou o aniversário com uma festa linda para fazer prova da sua idade, onde todos se embebedaram e lhe disseram que em breve iria arranjar um namorado, ou, alternadamente, lhe afiançaram como era difícil encontrar alguém bom em Londres: havia poucos homens e os que havia eram homossexuais, casados ou malévolos e, de facto, nem toda a gente se embebedara, porque uma das amigas estava na sua primeira gravidez e chamara continuamente a atenção para o seu estado, enquanto fizera de conta não ser nada de extraordinário, ficando, contudo, secretamente deliciada com a felicidade que a Flora sentira por ela — e como podia não estar feliz pela sua amiga? Claro que sim. Embora a rapariga não quisesse ter engravidado. Ainda assim.

A Flora está apertada no metropolitano contra um homem de fato elegante. Ela olha brevemente para cima, para o caso de se tratar *dele*, o que é ridículo, porque nunca o viu a andar de metro. Chega sempre de aspeto impecável e sem vincos, pelo que sabe que ele vive algures na cidade.

Como de costume, durante a festa de aniversário, os amigos da Flora abstiveram-se de lhe perguntar pelo patrão, principalmente após ela ter bebido uns copos de vinho espumante. O patrão, por quem nutre sentimentos ridículos e inúteis.

Se alguma vez tiveram uma paixoneta fervorosa e agonizante, saberão do que falo. O Kai sabe perfeitamente quão inúteis são tais sentimentos, porque também ele trabalha para o mesmo patrão e consegue ver claramente quem ele é: um canalha terrível. Mas é claro que não vale a pena dizer nada disto à Flora.

De qualquer forma, o homem na carruagem do metropolitano não é ele. A Flora sente-se estúpida por sequer ter olhado, para verificar. Só de pensar nele sente-se com catorze anos e as faces pálidas não escondem o quanto enrubescem. Ela sabe que está a ser ridícula e que é inútil pensar nele. Ainda assim, não consegue evitar o que pensa e sente.

Ela tenta iniciar a leitura no seu leitor eletrónico *Kindle*, mesmo a

sentir-se enlatada naquele espaço exíguo, no qual tenta não ir contra ninguém, enquanto olha mais ou menos a janela, a sonhar. Outras coisas surgem à tona na mente dela:

- a) Vai ter uma nova colega de apartamento. Têm saído e entrado tantas pessoas da sua partilha do apartamento de estilo vitoriano, que mal tem tempo de as conhecer. O correio fica acumulado em pilhas no *hall*, no meio dos esqueletos de bicicletas velhas, que ela pensa que alguém deveria fazer algo com aquilo tudo, mas ela nada faz.
- b) Se deveria mudar de casa novamente.
- c) Namorado. Suspira.
- d) Tempo para comer alguma coisa.
- e) Talvez devesse mudar a cor do cabelo? Uma cor fácil de tirar? Talvez lhe ficasse bem aquele tom cinza-brilhante, ou ficaria a parecer que tinha cabelo grisalho?
- f) A vida, o futuro, tudo.
- g) Se deveria pintar as paredes do quarto da mesma cor que escolhesse para o cabelo, ou se isso apenas significava que estava na hora de mudar de casa.
- h) Felicidade e afins.
- i) Cutículas.
- j) Não de cor cinza, mas azul? Só um pouco de azul? Será que seria bem aceite no escritório? Será que poderia colocar um pouco de azul, só para experimentar, e depois retirá-lo novamente?
- k) Gato?

E ela vai a caminho do trabalho, como assistente de advocacia que é, pelo centro de Londres, e não se sente particularmente feliz, mas também não está triste, porque a Flora pensa que aquilo é o que toda a gente faz, não é? Ficar atravancada ao longo de determinado trajeto; comer bolo em demasia, quando se trata do aniversário de alguém no escritório; jurar ir ao ginásio na hora de almoço e não o fazer; olhar para um ecrã durante tanto tempo que se fica com dor de cabeça; encomendar em

excesso cosméticos e roupas da ASOS e esquecer-se de devolver os artigos desnecessários...

Há dias em que ela vai do metro para o trabalho e de volta para casa sem se aperceber das condições atmosféricas. E também este é apenas mais um dia normal e entediante.

Embora, dali a duas horas e quarenta e cinco minutos, vá deixar de ser um dia como os outros.

CAPÍTULO DOIS



Entretanto, quase cinco quilómetros a leste, uma mulher loura berrava.

Era uma mulher lindíssima. Mesmo zangada e a deitar perdigos, após uma noite sem sono, porém excepcionalmente energética, o cabelo despenteado e solto sobre os ombros, apresentava umas belas pernas e uma pele limpa e clara, extremamente bonita.

No exterior ouvia-se o zumbido baixo do trânsito, apenas discernível através do vidro triplo do apartamento no topo do prédio. As nuvens matinais flutuavam baixas, envolvendo as torres erigidas além da linha do horizonte, e pairavam sobre o rio Tamisa — uma vista incrível —, se bem que o boletim meteorológico anunciasse a ameaça de um dia húmido e abafado, quente e desconfortável. A mulher loura gritava, mas o Joel continuava a olhar pela janela, o que não ajudava a resolver a quezília. Tudo começara de uma forma simpática, com ela a sugerir um belo jantar para aquela noite, mas assim que o Joel deixou claro que não estava particularmente interessado no jantar daquela noite, e que, de facto, três reuniões tornavam bastante possível ocuparem-lhe o resto da vida, quanto mais o dia inteiro, a reação dela foi desde logo muito pouco agradável, escalando nos gritos que agora dava, porque não estava habituada a que as pessoas a tratassem daquela maneira.

— Queres saber qual é o teu problema?

O Joel não queria saber.

— Pensas que estás bem por dentro e que isso torna aceitável comportares-te como um perfeito canalha, a toda a hora. Que tens um lado mais carinhoso, algures no teu interior, que podes ligar e desligar a teu bel-prazer. E eu digo-te que não podes ser assim.

O Joel tentava estimar quanto tempo a cena demoraria. Tinha um psiquiatra que, por norma, não era tão direto. Apetecia-lhe um café. Não: queria que ela se fosse embora e depois, sim, beberia um café. Pensou que, se olhasse para o seu telemóvel, o gesto apressasse a conclusão do assunto. Tinha razão.

— Olha só para ti! Tu és completamente como te comportas. Nada mais. Ninguém quer saber o que tens de complicado por dentro ou pelo que tenhas passado. Tu és apenas o que fazes. E o que tens feito tem sido uma desgraça.

— Já acabaste? — deu consigo o Joel a dizer. A mulher loura parecia prestes a atirar-lhe com um sapato. Mas ela compôs-se e começou a vestir-se de uma forma que mais parecia uma afronta silenciosa. O Joel sentiu ser melhor não olhar, mas fê-lo de soslaio, pestanejando, pois esquecera-se de como ela era linda.

— Vai-te lixar! — cuspiu-lhe ela. A saia que vestia era incrivelmente curta. Ela ia definitivamente passar vergonha no metro e até casa, que ficava na parte ocidental de Londres.

— Posso chamar-te um *Uber*? — perguntou-lhe.

— Não, muito obrigada — respondeu, tensa. Depois mudou de ideias.

— Sim — disse. — Chama-me um, agora.

Ele tornou a pegar no telefone.

— Onde vives, exatamente?

— Não te lembras? Já estiveste em minha casa!

O Joel pestanejou. Não conhecia a cidade de Londres muito bem.

— Sim, claro...

Ela suspirou.

— Em Shepherd's Bush.

— Claro.

Houve uma pausa.

— Colhe-se o que se semeia, Joel. Hás de receber a tua parte.

Mas ele já ia a caminho da máquina do café, verificava os *e-mails*, preparava-se para o novo dia. Havia algo a agité-lo, que tinha que ver com um dos casos, porém não se lembrava do que era. Alguma coisa boa. O que seria mesmo?

MAIS DE MIL QUILÓMETROS A NORTE, OS HOMENS CHEGAVAM DO CAMPO, esticavam os braços e as pernas, os cães corriam em volta dos pés deles,

os coelhos a fugirem diante deles, o vento a soprar gélido do mar para o interior, como um gelado de limão agreste sob o céu branco e brilhante. Tendo terminado a primeira parte dos seus trabalhos da manhã, procuravam por um pequeno-almoço, enquanto mais abaixo os pescadores puxavam as suas redes com o peixe, cantando na manhã clara, as vozes a subirem a encosta e a espalharem-se pelo ar:

**E o que acham que fizeram aos olhos do arenque?
Cantem, margens da foz, canta, corrente
Do melhor do arenque para uma tarte
Cantem, margens da foz, canta, corrente
Cante o arenque, cantem olhos, cantem peixes, cante a tarte
Cantem, margens da foz, canta, corrente
E aqui vem mais peixe pra cantar-se o arenque
Cantem, margens da foz, canta, corrente**

CAPÍTULO TRÊS



Joel entrou no seu escritório com um olhar compenetrado. Sabia agora do que quisera lembrar-se: da reunião com Colton Rogers, mais um norte-americano, de manhã bem cedo. Um homem extraordinariamente rico, fizera o muito dinheiro que tinha com o desenvolvimento de *start-ups*. Nunca o conhecera, porém ouvira falar dele. Se vinha para Londres iniciar algo novo e trazia consigo, para o efeito, o seu dinheiro, então o Joel iria sentir-se muito agradado. E, de facto, o incidente incómodo da manhã já lhe saíra por completo da ideia.

Fez um aceno de cabeça à sua assistente, a Margo, para que esta fosse chamar a equipa do Rogers, e pôs-se alegremente a olhar pela janela. O escritório dele encontrava-se por cima da Broadgate, em pleno centro da cidade, com vista sobre o Circle e as torres mais ao fundo; conseguia avistar toda a paisagem até ao rio. As ruas estavam repletas com a azáfama matinal das pessoas, tão cedo que era, e os táxis pretos aguardavam em fila. Ele amava Londres, uma cidade que o motivava e que o animava a fazer parte da sua grande máquina de fazer dinheiro. Vista de cima, parecia-lhe ser o seu domínio, e bem que queria ser o seu dono. Sorria para si mesmo quando a Margo reapareceu, trazendo consigo o Colton Rogers e o pessoal dele, aos quais indicava um tabuleiro com *bagels* e folhados, apesar de ambos saberem que nunca pegariam neles.

— Olá — disse o Rogers. Era um homem alto e corpulento e envergava a roupa clássica do comerciante de tecnologia oriundo da costa ocidental: calças de ganga, um polo com colarinho e sapatilhas brancas. Tinha também uma barba, ligeiramente grisalha e excessivamente bem aparada, que

lhe cobria os maxilares. O Joel deu consigo a pensar se o fato que vestira seria igualmente estranho ao Rogers, quanto o aspeto dele intrigava o Joel.

— É um prazer conhecê-lo, senhor Rogers.

— Trate-me por Colton, por favor.

Foi até à janela para admirar igualmente a vista.

— Céus! Esta cidade é de loucos. Como consegue aguentar? Caramba! Tantas pessoas por todo o lado. É um autêntico formigueiro.

Ambos olharam para baixo.

— Habitamo-nos — disse o Joel, apontando-lhe uma cadeira onde sentar-se. — Em que posso ajudá-lo, Colton?

Houve uma pausa, durante a qual o Joel tentou não pensar em quanto aquele homem valia. Trazer um cliente daquela envergadura para a firma... bom, ficar-lhes-ia muito bem.

— Tenho um sítio — disse o Colton. — Um lugar muito belo. E estão a tentar construir parques eólicos, lá. Ou nas proximidades. De uma forma ou de outra, não os quero por perto.

O Joel pestanejou.

— Certo — falou. — Onde fica o lugar?

— Na Escócia.

— Ah! — disse o Joel. — Então deve querer contactar os nossos escritórios escoceses.

— Não. Quero mesmo tratar disto convosco.

O sorriso do Joel ampliou-se ainda mais.

— Bem, agrada-me que nos tenham recomendado...

— Oh, céus! Não. Nada disso. Penso que vocês, vampiros malvados, são todos iguais. Sei o que digo: já conheci muitos do vosso tipo. Não. Penso que a vossa firma terá um advogado capaz. Alguém que possa vir e lutar comigo e que já tenha visitado o sítio. Que saiba do que se trata.

O Joel semicerrou os olhos e refletiu. Ele próprio nunca estivera na Escócia. Não sabia, na verdade, do que o Colton estava a falar. Era provável que não tivessem quem se adequasse à descrição que o Colton acabara de fazer. Talvez alguém da própria Escócia? Se bem que lhe custasse admiti-lo.

— Esta firma é grande — acabou por dizer. — Indicaram-lhe algum nome?

— Sim — disse o Colton. — Mas não me lembro. Algo que soava a um nome escocês.

O Joel pestanejou. Por norma, apenas se impacientava diante do seu pessoal.

A Margo moveu-se no canto da sala, como quem quer falar, e ele voltou-se para ela.

— Sim?

— Estará a falar da Flora MacKenzie? A assistente judicial? O nome dela é escocês, não é?

O Joel não sabia nada disso.

— Ela vem de lá, de um lugar realmente muito esquisito...

— Esquisito? — indagou o Colton, com um sorriso a querer bailar-lhe nos lábios. Gesticulou mais uma vez na direção da paisagem citadina vibrante, do outro lado do vidro. — Viver num sítio onde moram todos empacotados uns sobre os outros, onde mal se consegue respirar ou atravessar o centro da cidade num carro próprio, a isso é que eu chamaria esquisito.

— Desculpe, senhor — pediu a Margo, com as faces a ficarem avermelhadas.

— Ela é uma funcionária júnior, não é verdade? — perguntou o Joel.

O Colton ergueu as sobrancelhas.

— Está tudo bem. Não pretendo matar ninguém. Apenas quero uma pessoa local, que saiba do que se trata, antes de me começarem a cobrar oitocentos dólares à hora. Chama-se Mure.

— Desculpe? — disse o Joel.

O Colton pareceu frustrado.

— O lugar de que lhe falo.

— Sim — murmurou a Margo. — É a terra dela.

— Então vá buscá-la — retorquiu o Joel, com irritação.

— SIM, MAS AONDE QUER QUE VAMOS, NÃO É POSSÍVEL SENTARMO-NOS no exterior, mesmo que o tempo esteja bom, porque vai estar tudo cheio, além de...

— Chama-se a isso viver em Londres *al fresco* — disse o Kai, que se sentou à secretária ao lado. — É preciso saber encaixar-se.

A Flora franziu as sobrancelhas. Parecia-lhe sempre tão difícil juntar todos — muitos iriam escusar-se ou esperar pela melhor oferta — e fazia tanto calor. Pensava que a melhor opção seria ficar no exterior, naquela noite, em vez de se enfiar no seu pequeno quarto sufocante, depois de uma viagem de metro. Além disso, era difícil dormir nas noites quentes, pelo que poderia sair um pouco... Olhou de soslaio para a pilha grande de dossiês e soltou um suspiro. Decidiriam melhor o assunto à hora de almoço.

O telefone interno tocou e ela atendeu, não suspeitando de nada.

— Flora MacKenzie — identificou-se.

— É você, não é? — veio do outro lado a voz incisiva da Margo, sempre muito formal. A Flora estudara-a com muita atenção, dada a reiterada proximidade dela, ao trabalhar com o Joel. Ficara aterrorizada com a Margo: as roupas impecáveis e a maneira como olhava para uma pessoa que lhe perguntasse algo, como quem encarasse uma idiota. — Você é a escocesa.

E ela dissera-o como quem pergunta: «É você a marciana de quatro cabeças, não é?»

A Flora engoliu em seco, nervosamente. — Sim?

— Pode vir cá acima, por favor?

— Porquê? — disse a Flora, não sendo capaz de se conter. Ela não trabalhava diretamente para o Joel, mas para outros parceiros dele, bem mais abaixo na pirâmide.

A Margo fez uma pausa. Era óbvio que não gostava de ser questionada por uma qualquer júnior de nada do quarto andar.

— Assim que puder — disse a Margo num tom gélido.

Passou rapidamente pela cabeça da Flora que, para poder de verdade, precisaria de arranjar o cabelo a seco, fazer uma depilação a cera, produzir um bronzeado de improviso e proceder a uma maquilhagem completa, mas depois pensou que seria melhor arriscar e ir mesmo assim, como estava.

— Vou já — disse, pousando o telefone e tentando não entrar em pânico.

A CARREIRA DA FLORA INCLUIU MANTER A CABEÇA BAIXA NA H&I, A Universidade das Highlands e Ilhas, enquanto cursava um bacharelato em Direito e se esforçava por trabalhar arduamente e superar o talento natural que lhe faltava, depois foi a várias entrevistas para um emprego, poliu os sapatos e o seu currículo e passou a mover-se numa Londres enorme, pouco amistosa e nada familiar, pedindo conselhos, tentando fazer conhecimentos e competindo com um milhão de outros jovens que faziam a mesma coisa. Quando conseguiu arranjar um emprego numa firma grande, que lhe dava a oportunidade de progredir na sua carreira profissional, talvez até um dia fazer uma licenciatura, ela empenhou-se e absorveu tudo, agarrou-se ao máximo que podia e adquiriu o maior conhecimento possível, pedindo conselhos a toda a gente.

Ninguém alguma vez a tinha advertido para jamais se apaixonar pelo

boss, porque seria uma idiotice. E também jamais lhe passara pela cabeça que tal pudesse acontecer-lhe.

Até que aconteceu.

Fora uma entrevista tão breve... Em várias fases do processo de recrutamento foi interrogada por diferentes mulheres pertencentes ao quadro administrativo e que considerou aterrorizadoras, pois ladravam pergunta atrás de pergunta, diante de homens velhos que suspiravam, como quem tivesse pena de não lhe poderem igualmente fazer perguntas, nomeadamente se planeava engravidar. Conheceu então o departamento de RH, estivera diante de outros chefes de departamentos, muitos dos quais reconheceu por percorrerem o mesmo caminho um pouco desanimador — havendo, como sempre, mais pessoas qualificadas para determinados empregos do que vagas.

Contudo, a Flora havia feito toda a pesquisa necessária, sabia da sua área ao nível mais aprofundado, estava deveras preparada, até pelos anos que passara à mesa da cozinha com a mãe dela a indagar se tinha feito os trabalhos de casa — podia ela fazer mais? Melhor? Estaria pronta para passar no exame? Havia pessoas mais inteligentes do que ela, mas poucas se esforçavam mais. Por fim convidaram-na a entrar no escritório do parceiro deles. E foi ali que o viu.

Gritava ao telefone com alguém do outro lado da linha. A pronúncia dele era ruidosa, assumidamente americana, e ele gesticulava com a mão que tinha livre, a berrar algo que tinha que ver com imparcialidade distrital e sobre alguma coisa que estaria por acontecer, e a Margo — a Flora não sabia então quem era aquela mulher glamorosa — indicou com brevidade ser aquele o novo parceiro júnior, enquanto ele acenava, irritado, para a sua assistente. Houve uma pausa. Depois o homem desligara o telefone, furioso, e estendeu-lhe a mão, com um sorriso a querer desenhar-se no rosto dele, naquele instante em que parecia prestar-lhe alguma atenção.

— Olá — cumprimentou-a. — Sou o Joel Binder.

— Flora MacKenzie.

— Muito bem — disse ele. — Bem-vinda à nossa firma. — E foi tudo. Nada mais. E ela ficara ali, a olhá-lo demoradamente — o cabelo dele cor de castanha, o rosto de contornos marcantes, os lábios estranhamente cheios — até a Margo a convidar a sair. A Flora não notara então o olhar que a mulher lhe lançara, antes de a conduzir para fora do escritório.

— Ele parece ser simpático — disse então, sentindo-se enrubescer por completo. Aquela homem não se assemelhava com a maioria dos advogados

que conhecera — stressados, extenuados, a caspa nos seus fatos, uma pele cuja palidez indicava não ver suficiente luz natural, barrigas salientes.

A Margo limitou-se a dizer hum-hum.

Ele não voltou a falar-lhe durante seis meses. Ocasionalmente via-o em reuniões, quando nelas se sentava timidamente a tirar notas e a tentar não perder nada do que era dito: então ele era autoritário, rude, agressivo, o advogado bem-sucedido e dominador, e a Flora, para sua intensa vergonha, tinha uma paixoneta inacreditável por ele.

— Falem-me do Joel — disse em tom casual, quando saiu para um copo com outros escravos, juniores como ela, dos quais se esperava trabalharem vinte horas por dia por praticamente um salário de nada e sem tempo para outra coisa na vida. — Sabem de quem estou a falar, o parceiro?

O Kai virou-se para ela e desatou a rir.

— A sério?

— O que foi? — disse a Flora, sentindo-se enrubescer, enquanto olhava o copo alto de vinho branco em frente dela, tão claro que era quase verde. Estivera indecisa no que pedir e fora atrás dos outros, e agora estava ligeiramente preocupada com o quanto iria pagar — e como. Viver em Londres era terrivelmente dispendioso, mesmo para quem tivesse um salário fixo.

O Kai passara o verão inteiro com eles na firma como estagiário e encontrava-se no trilho bastante célere de se tornar num advogado a sério, pelo que se coscuvilhava muito acerca dele, no escritório. Ele revirou os olhos.

— Santo Deus! Mais uma.

— O que foi? O que estás a dizer? Eu não disse nada.

Onde foram buscar tanta autoconfiança?, era o que a Flora se perguntava muitas vezes, particularmente em relação a pessoas que haviam nascido e crescido em Londres. Nasceram com ela? Sabia que deveria estar a fazer mais uma formação ou a ter mais aulas, a fim de se tornar numa advogada completa. Mas, depois do que acontecera... não conseguia. Para já, não.

E o trabalho afigurava-se-lhe tão... bem. Era o trabalho que sempre quisera. Um emprego deveras profissional e bom. Contudo, após se ter esvanecido o fator novidade de ter um passe sazonal para as viagens de metro e um salário ao fim de cada mês, sapatos bonitos e intervalos para o almoço, começava a ser um pouco... hum... repetitivo. A papelada acumulava-se e parecia não ter fim e, quando pensava estar com tudo controlado, um caso ficava decidido ou cancelado e tudo recomeçava. Ela sabia que era

melhor estudar mais, além de tudo o resto. Porém, sentia-se a falhar com o tal «tudo o resto».

— Irão ultrapassar isso, minhas queridas — afiançara o Kai, quando se queixara a ele (repetidamente) acerca da forte carga laboral. Não importava quanto tempo ficava no escritório até tarde, quão eficiente fosse a processar e a arquivar os casos. Era uma pena, dava consigo a pensar que ser tão boa a elaborar dossiês e a cuidar dos arquivos não fosse *sexy* nem atraente. Razão pela qual ela também não o mencionara no seu perfil no Tinder.

— A sério? Ainda não notaram que ele é horrroso?

Ah, sim. Claro que sim. Ele é horrível, dizia a Flora para si mesma inúmeras vezes. Alto, o fato por medida, brusco, norte-americano. Ele caminhava pelo edifício como se fosse o dono. Tratava os funcionários juniores com desdém. Jamais se lembrava do nome de qualquer deles, tal como nunca fazia um elogio.

— Ele é negativo — disse o Kai.

— É o *quê*? — perguntou a Flora, horrorizada.

— Negativo.

A Flora pestanejou.

— O que significa que é malévolos para as pessoas, para que o notem e queiram muito que lhes diga algo agradável. É uma espécie de treino para cães, ou algo assim.

— Não estou a entender.

O Kai via como missão de vida esclarecer a rapariga das ilhas, tímida e de aspeto estranho, e não perdia uma oportunidade para lhe dar a conhecer o que aprendera nos vinte e seis anos de experiência sofisticada.

— É como se esperassem por uma palavra gentil, por mais pequena que fosse, uma migalha de reconhecimento, e é esta característica que faz com que as pessoas se prendam a ele. Pelo menos as pessoas com baixa autoestima.

A Flora franziu o sobrolho.

— Talvez apenas o considere um homem bonito.

— Claro. *Cruelmente* bonito. Não devem ir por aí. Além disso, trata-se do vosso superior. Tentem não se meter em alhadas. E...

— Ainda há mais? Penso que já chega, não?

— Não. Flora, escuta-me: não me parece que sejas o tipo de mulher que ele aprecia... Ui! Fala-se no diabo... Sinceramente, penso que ele é mesmo demoníaco. Bom, agora é contigo. Tira as tuas próprias conclusões.

Nessa altura, a Flora havia erguido os olhos e não era que o Joel vinha

mesmo a passar pelo Broadgate Circle, no coração das firmas de advogados e associados? Ali estava ele, no centro de advocacia da cidade, de olhar confiante e autoritário, o cabelo castanho a brilhar à luz do sol, a escotar suavemente uma girafa de mulher, loura, a matraquear os saltos altos e vestida de rosa-choque, uma cor a afigurar-se certamente bizarra em qualquer pessoa, menos nela, fazendo-a parecer simplesmente arrebatadora. Nada com que a Flora conseguisse parecer-se, nem em milhões de anos. Era uma ave rara, uma espécie completamente distinta.

A Flora observou-os e soltou um gemido.

— Não — disse. — Tens razão

— Tu és boa a tratar da papelada e a cuidar dos arquivos — falou-lhe o Kai num tom encorajador. — Quero dizer, isso também vale alguma coisa.

Ela sorriu e mandaram vir mais uma garrafa para a mesa.

TUDO ISTO SE PASSARA HÁ ALGUNS ANOS. ENTRETANTO, A CARREIRA do Kai florescera. A dela... não. É claro que acabou por se habituar mais à cidade de Londres, por se tornar mais cínica em relação ao escritório e ao ofício dela, tal como tinha marcado encontros e tido *flirts* e várias desventuras, um tipo ali, outro acolá, sendo incapaz, para vergonha dela, de se lembrar de cada um deles, e, a dada altura, arranjava um namorado simpático, o Hugh, relação que durou um ano porque ela não quis avançar no relacionamento, uma vez que não sentia... bom... aquilo que deveria sentir. Nunca chegou a sentir aquilo que sabia que seria, se o fosse. Porém sabia, quando se separaram (de uma maneira maravilhosa, porque o Hugh era definitivamente um querido), que dali a dez anos, quando toda a gente, menos ela, se tivesse juntado a alguém e fosse feliz, provavelmente viria a arrepender-se. Ainda assim, acabara com a relação. Tivera longos períodos sozinha, mas estava bem. Na maioria das vezes. E tinha aquela paixoneta, uma patetice que, entretanto, passara para segundo ou terceiro plano, na medida em que ela continuou a construir a sua vida naquela enorme máquina cidadina, distanciando-se, a pouco e pouco, de tudo o que acontecera antes.

Só que agora, às 10h45 da manhã, uma quinta-feira deveras quente do início de maio, a paixoneta dela, pela primeira vez na história, chamava-a repentinamente ao escritório dele.

CAPÍTULO QUATRO



A Flora tinha de se apressar, mas tinha igualmente de ir num instante aos lavabos, para retocar a maquilhagem. Atrapalhada como estava, tomou ainda consciência de quanto tinha as faces enrubescidas. Era esse o problema de ter a pele tão pálida. Bem, esse e não poder expor-se ao sol sem correr o risco de ficar da cor de um lagostim e de fumegar ligeiramente.

Olhou-se no espelho e suspirou. Detestava ter um aspeto deslavado como o seu: sentia-se completamente sem cor, enquanto os amigos a lembravam sempre de quanto a aparência dela era pouco usual. Não era nada assim nas ilhas, de onde era oriunda: alta e descorada, como os vikings ancestrais, que remontavam a centenas de gerações. A cor do cabelo claro da mãe era praticamente branco. Era apenas ali, mais a sul, que as pessoas escutavam, para depois dizerem, como se de um elogio se tratasse, que mal a compreenderam, que apenas quiseram ouvir o seu sotaque. Lentamente, ela aprendia a pronunciar «não» em vez de «nã» e «eu» em vez de «ê», mas continuava com frequência a esquecer-se da pronúncia certa.

Tentou acalmar o bater acelerado do seu coração. O tom da Margo soara-lhe gélido. Ela não tinha feito algo errado, pois não? E, mesmo que tivesse, o escritório do Joel não seria o indicado para resolver assuntos de comportamento. O tempo dela com o Joel limitava-se às minutas que redigia na presença do Kai, que estava a estudar para os exames finais na área de Direito, encorajado pela firma que lhe oferecia uma perspetiva futura. Era muito bom trabalhar com o Kai e a Flora fazia frequentemente as anotações dele e subsequentes trabalhos relacionados.

Porém, naquela manhã, o Kai não tinha mencionado nada: estava ao

serviço no tribunal e deixara a Flora com a documentação habitual a ser trabalhada.

Não, esta manhã estava apenas ela.

Respirou fundo e encaminhou-se para a área dos elevadores.

O ESCRITÓRIO AMPLO DE CANTO ERA SEM DÚVIDA IMPRESSIONANTE, repleto de obras de arte a encherem a vista e que pareciam não significar mais do que fazer prova do sucesso da pessoa que podia exibi-las. Ele fez-lhe um aceno de cabeça, quando ela entrou. Envergava um fato cinzento-escuro, uma camisa branca, lavada e engomada de fresco, e uma gravata azul-marinho a contrastar com o castanho do cabelo dele. A Flora sentiu o rubor a invadir-lhe lentamente as faces, ainda mal passara a porta, o que a fez praguejar baixinho.

Estava também presente um homem alto de barba estranhamente clara — a julgar pela roupa que vestia, era óbvio tratar-se de alguém importante — e alguns acompanhantes, distribuídos ao fundo do vasto espaço, que faziam e atendiam telefonemas, dando a aparência de estarem mais ou menos ocupados. A Flora estava indecisa, se devia sentar-se ou permanecer de pé.

— Olá — cumprimentou, tentando mostrar-se forte.

— Sei de onde é, sem que tenha de dizer mais nenhuma palavra! — afirmou o homem barbado, adiantando-se, a fim de lhe dar um aperto de mão. — Olhe só para esse cabelo! Você é da cepa de Mure, com toda a certeza.

A Flora não tinha a certeza de gostar que se referissem a ela da mesma maneira que os seus irmãos faziam com o gado e simplesmente ficou ali parada, sem responder.

— De onde é... hum... — o Joel deu uma olhadela rápida nas suas anotações —, Flora?

O coração dela começou a acelerar novamente. Para que é que isso vinha ao caso? Porquê tamanha importância dada às origens dela? Por que motivo falavam da terra dela? Não era o que esperava. Ou queria.

— Oh, de um lugar pequeno... quero dizer, de que certamente nunca ouviu falar.

Não tinha vontade de falar acerca de Mure. Nunca teve. Mudava sempre de assunto, quando surgia. Ela agora vivia em Londres, onde se juntava o mundo, a fim de se reinventar.

— Ela vem de Mure — afirmou com orgulho o homem barbado. — Eu sabia! Já me falaram muito de si.

A Flora olhou para ele.

— Desculpe?

— Eu sou o Colton Rogers!

Houve uma pausa longa. O Joel olhava para ela, com uma expressão divertida.

— Sabe quem eu sou, não sabe?

Fazia algum tempo que a Flora não ia à terra dela. Mas ela sabia. Em silêncio, fez um breve aceno de cabeça.

O Colton Rogers era o norte-americano rico que havia comprado grande parte da ilha e que, de acordo com os boatos que todos os dias circulavam diferentemente, estaria prestes a betonar tudo, montar um enorme campo de golfe, mandar toda a gente embora para a tornar no seu santuário pessoal ou tomar conta das casas para as transformar em ninhos de aves selvagens.

Eram muitos os rumores que circulavam, porém pouco fundamentados, o que se devia provavelmente ao facto de ninguém da ilha alguma vez ter conhecido o Colton Rogers. A Flora sentia-se agora muito, mas muito nervosa. Se ele pretendia que a firma de advogados o representasse, tinha feito exatamente o quê?

— Hum... — Ela olhou para o Joel de soslaio, na incerteza do que queria dela, mas ele parecia estar tão confuso quanto a Flora, enquanto tamborilava uma caneta contra os dentes da frente.

— Bem, as pessoas falam... — começou por dizer. — Mas eu não lhes presto muita atenção.

— Não lhes presta atenção, hein? — repetiu o Rogers, visivelmente desagradado. — Não ouviu falar nos restauros que quero fazer no Rock?

O Rock era um sítio murado, em ruínas, na extremidade norte da ilha, cujo cenário era fora do vulgar e incomparável. Corriam boatos acerca de conglomerados e de magnatas que desejavam transformar aquele sítio ao seu gosto, desde que a Flora era criança.

— É mesmo?

— Certamente! Os trabalhos estão quase terminados! — asseverou o Colton, envaidecido. — Ainda não foi visitar o sítio?

— Não — disse a Flora. — Apenas ouvi falar.

— Bom, preciso da sua ajuda — disse o Colton.

— Não devia procurar um advogado escocês? Ou norueguês?

— Norueguês? — indagou o Joel. — Quão distante fica o lugar?

Ambos se voltaram para o olharem.

— Fica quase quinhentos quilômetros a norte de Aberdeen — disse o Colton. — Não saem muito, pois não? Continuam a trabalhar oitenta horas por semana, hein?

— No mínimo — disse o Joel.

— Isso não é vida, homem.

— Diz você, que já fez os seus milhões — respondeu-lhe o Joel com um meio-sorriso.

— Pois, ouça — disse o Colton, voltando-se de novo para a Flora. — Preciso que vá até lá. Para fazer um trabalho por mim. Para falar com os seus amigos e vizinhos.

— Devo dizer-lhe, senhor Rogers, que não sou advogada — disse a Flora. — Sou assistente judicial.

— Chame-me Colton, por favor. E ainda bem que não é advogada — disse o Colton. — Fica-me mais em conta. E eu preciso de alguém que conheça o lugar e as suas gentes. Sei o quanto valorizam isso. *Hvarleðes hever du það?*¹

A Flora olhou-o em choque.

— *Eg hev það gott, takk, og du?*² — acabou por sair-lhe num gaguejo. O Joel olhou para eles, muito admirado.

De repente, a Flora sentiu a urgência de se encostar ou apoiar a algo. Agarrou-se às costas de uma cadeira. Não sabia se seria capaz de falar de novo. Sentia a garganta apertada e preocupava-a que pudesse ter ali um ataque de pânico, mesmo que fosse o primeiro.

Reminiscências vieram inundá-la. De todo o lado. Todas ao mesmo tempo: como as ondas gigantescas a virem atacar a costa; como os ventos gélidos, oriundos do Ártico, que faziam deitar as ervas altas e moldavam as dunas, conferindo-lhes formas sempre diferentes, vez após vez, qual gigante que viesse brincar na areia.

E, no centro destas recordações, havia um grande buraco, e ela não queria olhar para ele.

Não. Não. Estava a organizar com o Kai uma saída à noite. Ela introduzia minutas no computador enquanto pensava em arranjar um gato.

Sentiu os olhos de todos sobre ela e desejou que pudesse simplesmente

¹ Como está? (N. de T.)

² Estou bem, obrigada, e o senhor? (N. de T.)

desaparecer, desvanecer-se. Sentia as faces febris. Como poderia ela dizer que não? Não, eu não quero voltar para casa. Não quero. Nunca mais.

— Portanto... — retomou o Colton.

— Qual é o trabalho? — perguntou o Joel.

— Bem — disse o Colton —, terão mesmo de ir ver.

— Ah, ela vai — afiançou o Joel, sem sequer perguntar à Flora.

— Posso ficar no Rock? Já está tudo pronto? — indagou a Flora, timidamente.

O Colton voltou os olhos cinzentos para ela e a Flora pôde perceber o motivo de o homem ser tão temido no mundo dos negócios, apesar da sua natureza branda.

— Pensei que era uma rapariga de Mure. Não tem lá família?

A Flora expeliu um suspiro bem longo.

— Tenho — acabou por dizer. — Tenho, sim.